

O alerta sobre o coronavírus no YouTube: mobilidade empática e *pathos* na gestão dialógica de pontos de vista em confronto

Marcos Filipe Zandonai¹

RESUMO:

Este artigo objetiva verificar de que maneira tomadas de posição do divulgador científico Atila Iamarino, na sua gestão dialógica de pontos de vista (PDV), conduzem a efeitos argumentativos de legitimação da ciência em um vídeo publicado no YouTube. Tomamos como objeto o episódio postado em março de 2020 intitulado *Live 20/03 – O que o Brasil precisa fazer nos próximos dias #FiqueEmCasa*. À luz da teoria de Rabatel (2016a), analisamos como a modalização das configurações de *priseen charge* modula e hierarquiza os PDV *a priori* antiorientados. No referido vídeo, o youtuber (L1/E1) defende medidas rigorosas em resposta à pandemia de covid-19, em contrariedade ao PDV reticente a essas medidas. Após análise de diferentes comportamentos de heterodialogismo, obtivemos, indutivamente, duas grandes regularidades: *Tensão com o adversário* e *Concessão ao adversário*. A partir dos *status* dos enunciadores no dialogismo interno, identificamos emoções imputadas e autoatribuídas, pelo L1/E1, o que nos leva a noções referentes ao *pathos* e ao *ethos* da comunicabilidade científica, para um procedimento explicativo. Os resultados revelam, nos dois eixos e no entremeio de diferentes cenografias de determinação em relação ao oponente (por exemplo, a cenografia da polidez), a empatização do L1/E1 para com o I2/e2, com o efeito pragmático-discursivo de mitigar o conflito. E nessa constituição dos papéis identitários encenados, que singularizam a gestão como pautada, por exemplo, em cautela e colaboratividade, vemos indícios do tom do embate no interdiscurso e de congruentes visadas patêmicas.

PALAVRAS-CHAVE: Divulgação científica. Youtube. Responsabilidade enunciativa. Gestão de pontos de vista. Empatia.

1. INTRODUÇÃO

A pandemia de covid-19, causada pelo vírus SARS-CoV-2, provocou impactos sem precedentes na história recente das epidemias, enquanto problema biomédico, mas

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Membro do grupo de pesquisa Núcleo de Análise do Discurso (NAD-UFMG), coordenado pelo prof. Dr. Wander Emediato de Souza. Endereço para contato: mfzandonai@ufmg.br.

enfermidades devem ser concebidas também como fenômenos sociais, uma vez que os processos de disputa e as investidas para o consenso operam para estruturar respostas a surtos e pandemias (IMPACTOS, 2020); as negociações pelo *discurso* participam dessa problemática.

Devido aos dados preocupantes de infecção por covid-19, foram emitidos alertas e recomendações, a partir do mês de fevereiro de 2020, por parte principalmente da Organização Mundial da Saúde (OMS) (ALCÂNTARA et al., 2021). O biólogo brasileiro Atila Iamarino também participou dessa performance dos alertas, com o objetivo de conquistar maior adesão à tese da necessidade de um isolamento social mais rigoroso no Brasil no começo de 2020.

Investigaremos, então, neste artigo, justamente o discurso de divulgação científica (DC) de Atila Iamarino na *live* do seu canal no YouTube intitulada *Live 20/03 – O que o Brasil precisa fazer nos próximos dias #FiqueEmCasa* (CANAL, 2020), visando a observar as estratégias enunciativas que ele aciona no vídeo para influenciar outros atores sociais. A finalidade desse vídeo é alertar para o cenário de 1 milhão de mortes por covid-19 no mês de agosto de 2020 caso não sejam tomadas medidas. Para cumprirmos com o objetivo explanado acima, estabelecemos os objetivos específicos: descrever e analisar a gestão dos pontos de vista operada no vídeo em questão² – o modo como o locutor/enunciador do vídeo se determina em relação às posições sentidas como adversárias –, e identificar os imaginários mobilizados e construídos no vídeo em favor de um possível projeto argumentativo e de influência.

Cabe lembrar que o posicionamento da ciência sobre essa pandemia, em 2020, gerou uma polêmica pública, com posições que se confrontavam com o negacionismo. A controvérsia digital, aliás, se desdobrou para além da referida *live* de Atila Iamarino, abrangendo avaliações negativas contra esse youtuber (ALCÂNTARA et al., 2021). Apesar disso, soluções foram tomadas justamente após a *live*: “grande parte dos municípios e estados brasileiros, mesmo sem uma central definição por parte do poder público federal, passou a

²Este artigo é um recorte de uma pesquisa de doutorado em andamento que verifica como as tomadas de posição de youtubers científicos, confrontando teses adversárias, conduzem a um *modus operandi* de legitimação da ciência em seus vídeos no YouTube. A pesquisa tem como orientador o professor Dr. Wander Emediato de Souza, na área de Análise do Discurso do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E conta com apoio de bolsa da CAPES (Regulamento do PROEX – IES públicas).

adotar medidas mais sérias e restritivas de isolamento social horizontal, com a adoção de home office e fechamento de espaços públicos” (ALCÂNTARA et al., 2021, p. 10).

Na próxima seção, apresentamos o referencial teórico desta pesquisa, realçando a abordagem enunciativo-interacional dos pontos de vista, de Rabatel (2016a), que embasa a análise dos movimentos enunciativos mais ou menos co-orientados ou antiorientados. Em seguida, tratamos das escolhas metodológicas (seção 3) desta investigação. Depois, passaremos para a análise (na seção 4), organizada em dois eixos que caracterizam o dialogismo do *corpus*, a saber: *Tensão e indisposição com o adversário* e *Concessão ao adversário*. Sistematizamos os resultados na seção 5, e tecemos as conclusões e contribuições da pesquisa na seção 6.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Um primeiro passo para investigarmos o heterodialogismo³ intratextual dos mais variados *corpora* é precisar os instrumentos que correspondem aos *sujeitos* da encenação enunciativa, a partir do desligamento teórico entre atualização dêitica e atualização modal (RABATEL, 2016a). L1/E1 é a instância que se refere ao locutor primeiro (RABATEL, 2016a); é uma fonte (um L) que tem um ponto de vista (E) encarnado, constituindo a fonte que é ponto de partida para as relações dialógicas com outros pontos de vista (FARIA, 2015). L1 indica que essa instância desenvolve operações dêiticas, tornando-se responsável pelo ato de enunciação no *aqui* e no *agora*. O segundo componente faz essa instância ser também E1, porque ela é também referência de operações modais (responsável por um ponto de vista, tido como de um enunciador, o enunciador 1: E1). Portanto, esse sujeito é L1, porque produtor do enunciado, e é E1 porque é uma subjetividade atrelada a um conteúdo. L1/E1 indica que há sincretismo entre as duas realidades: um agrupamento de enunciadores a uma *instância-mundo* que fala.

O instrumento *enunciador* é aquele a que se atribuem pontos de vista, não sendo necessariamente quem formula *EU DIGO (QUE...)* (RABATEL, 2016a). O enunciador é *usado* para estar em sincretismo com um locutor principal (orquestrante) ou, na falta disso, é

³ O heterodialogismo consiste em o locutor principal evocar vozes distintas da sua, em relação às quais ele se determina em algum nível de polêmica (FARIA, 2015).

manipulado para se situar em alguma outra posição que manterá relação com esse principal (L1/E1) via relações de acordo ou desacordo (RABATEL, 2016a) – como acontece com um l2/e2, por exemplo. Consequentemente, os discursos sempre carregarão mais enunciadores que locutores, isto é, mais dizeres representados do que locutores que os veiculam. De todo modo, L1/E1 funciona como ponto de ancoragem para a hierarquização dos enunciadores.

Mas o fenômeno é dinâmico, de maneira que L1 pode assumir outros pontos de vista (PDV⁴) no desenrolar de uma interação, tornando-se L1/e2, L1/e3 etc. (RABATEL, 2013a). O símbolo torna-se minúsculo por causa da possibilidade de L1 assumir o PDV de enunciadores *citados*. E também há situações de enunciadores encadeados no discurso de L1 como originados de um locutor com PDV divergente: l2/e2; l3/e3 etc. (RABATEL, 2013a).

Nesse quadro do heterodialogismo, são imperiosas as noções de imputação enunciativa e de Responsabilidade Enunciativa (RE), que traduzem as variedades da relação sujeito-objeto, a qual constitui o PDV (RABATEL, 2016a). A imputação – em oposição à RE, que é a assunção de pontos de vista – ocorre nos enunciados que supõem uma origem *externa* ao dizer do L1/E1, à qual se atribui o PDV (FARIA, 2015). A imputação também pode ser denominada *hetero-hetero-PDV*, entendendo-a como uma representação de percepção da alteridade *construída* por L1. “É essa quase-RE, imputada a e2, que, em seguida, permite a L1 / E1 posicionar-se em relação à posição enunciativa de e2” (RABATEL, 2016a, p. 90).

É possível L1/E1 situar-se em relação ao PDV imputado nas relações de neutro (para além do acordo e do desacordo), o que nos conduz à questão da imputação com visada informativa (o levar em conta e a neutralidade). Nessa forma de imputação, simula-se apenas o reconhecimento do hetero-PDV, para L1/E1 poder: (i) relatar tal PDV provisoriamente; (ii) afastar-se dele, discordando; ou (iii) mais adiante no texto, concordar com o PDV que era imputado distanciado (RABATEL, 2016a). *Priseen compte*, assim, é a operação na qual apenas se faz ecoar um PDV, mas sem que um locutor se pronuncie sobre a validade dele. Por outro lado, o objetivo do L1/E1 para com o hetero-PDV pode ser *argumentativo*. Isso pode acontecer quando L1 *se esconde* por detrás do PDV imputado para mostrar a autoridade do seu conteúdo.

⁴ No presente artigo, utilizaremos a sigla “PDV” para nos referirmos a “ponto(s) de vista”, como o faz Rabatel.

Tendo em vista essa exploração pragmática das imputações, valemo-nos da noção de engajamento⁵ para darmos conta dos investimentos ilocutórios do youtuber (L1/E1) sobre os PDV encenados, nas zonas de imputação argumentativa. Isso nos conduz ao papel da modalização e dos *tipos de PEC* teorizados por Alrahabi e Desclés (2009). Isso porque um enunciador do texto pode, uma vez estando associado a um conteúdo predicativo, relacionar-se a esse conteúdo por meio de diferentes graus de engajamento, inclusive com distanciamento, o que demonstra a diferença entre *uma simples priseen charge* (o princípio comunicativo básico de se localizar a fonte da informação expressa) e o contínuo engajamento/desengajamento (RABATEL; CHAUVIN-VILENO, 2006). Por conseguinte, as diferentes tonalidades de engajamento – uma PEC com maior orientação veridictória, por exemplo – criarão diferentes *status* para as instâncias enunciativas, numa verdadeira hierarquização dos PDV em diálogo.

Isso permite que a análise avance para as posturas enunciativas, pois, a partir de uma enunciação simples ou da apreensão do outro, podemos derivar matizes para esses PDV. Então, para além do dissenso (a discordância discordante), temos a coenunciação, que é “a coprodução de um PDV comum e compartilhado por dois locutores/enunciadores” (RABATEL, 2013b, p. 174), embora a interação, *a posteriori*, transforme em desigualdade a relação que, em primeiro momento, era de dois convergentes em relação a um PDV (RABATEL, 2013b). Sublinhando as dissimetrias, a subenunciação é a coprodução desigual de um PDV dominado – o PDV de L1/E1 que *se rebaixa* por causa de um PDV dominante –, com o subenunciador tomando com certa distância o PDV vindo desse enunciador dominante (RABATEL, 2013b). Por fim, na sobre-enunciação, o locutor-enunciador diz o mesmo que o outro enunciador, mas modifica esse conteúdo a seu favor, em *seu* quadro de pertinência

⁵ Seguindo Desclés (2009) e Rabatel (2009), diferenciamos *priseen charge* sem engajamento de *priseen charge* com engajamento, sendo a primeira operação aquela concernente ao esquema no qual o sujeito é forçosamente a fonte do que ele diz. A segunda operação corresponde ao nível máximo de engajamento sobre uma relação predicativa (havendo mais força ilocutória). Por isso, *priseen charge* não é o equivalente de engajamento. A grandeza engajamento dependerá de explorarmos, para além da *enunciação simples* (quando o enunciador se limita a *prenden charge* a relação predicativa, sem se comprometer tanto com a verdade dela), também as várias formas de *enunciação modal*, que ajuda a redesenhar uma simples PEC (enunciação simples), como bem conceitua Desclés (2009). Alguns exemplos da segunda opção são: PEC da plausibilidade, PEC da verdade, PEC das modalidades intersubjetivas (DESCLÉS, 2009; ALRAHABI; DESCLÉS, 2009). Utilizamos o arcabouço dos autores supracitados juntamente com o que a literatura consagra no tocante à modalização (EMEDIATO, 2022), para interpretarmos o valor ilocucionário dos PDV.

(RABATEL, 2013b). Aparecem na sobre-enunção elementos como reformulação do conteúdo imputado e da sua visada.

Outra noção relevante é a de empatia (ou mobilidade empática). Consoante a Rabatel (2017 apud PINTO; CORTEZ, 2017), as emoções de enunciadores segundos podem ser representadas por L1/E1, sendo autoatribuídas ou autoimplícitas, para o caso das emoções de L1/E1, e heteroatribuídas ou heteroimplícitas para as emoções tidas como de e2. A empatia é o mecanismo de expressar, no texto, determinada percepção sob o ponto de vista do outro (RABATEL, 2013c). Esse fenômeno articula-se à argumentação via *pathos*, pois, na esteira do que Cortez e Catelão (2022) comentam a partir desse construto rabateliano, para existir argumentação, é necessário ser empático: fazer alguma fusão ou identificação com o outro.

Assumir e delegar PDV implica mobilizar emoções das instâncias enunciativas – congruentes, é claro, à situação comunicativa – que surgem no jogo mesmo da defrontação/confrontação que resulta em orientação argumentativa no texto (CORTEZ; CATELÃO, 2022). Por isso, a análise da empatia supõe a identificação do empatizador e do empatizado, da relação entre eles e, ainda, da orientação argumentativa que se extrai da relação (RABATEL, 2013b). Possíveis movimentos de aliança – na coenunção, por exemplo – para com um l2/e2 não implicam necessariamente uma simpatia para com ele. O locutor pode estar apenas aceitando a heteroemoção para algum outro ganho argumentativo (RABATEL, 2013d).

Como explicam Pinto e Cortez (2017, p. 55), “uma fonte não locutora é lugar de emoção, quer dizer, mesmo que um enunciador segundo (e2) não fale, ele tem sua emoção representada, interpretada por L1/E1”. Esse ato de matizar as percepções ou falas supostas acontece por diversas marcas-traços, nas configurações de (hetero-) *priseen charge* – como na referenciação, se na dependência de um ou outro PDV, de L1/E1 ou de e2, e3... –, indicando os modos de L1/E1 apreender e perceber um ou outro enunciador nos instantes dialógicos com outros mais.

Esta concepção de argumentação patêmica – o *pathos* é constitutivo da gestão do (des)acordo – alinha-se ao paradigma da argumentação indireta (RABATEL, 2018), que se dá por intermédio de uma lógica inferencial, ao invés da silogística (CORTEZ; CATELÃO, 2022). A propósito, na proposta que integra o plano enunciativo ao argumentativo, tendo em vista a exploração pragmática das imputações (RABATEL, 2016a), Emediato (2020, p. 41)

esclarece que “um actante narrativo pode ser um locutor-enunciador atuando na figura de um narrador intradieético ou ainda um locutor/enunciador cujo ponto de vista pode estar na origem de uma visada argumentativa do locutor principal (autor ou narrador extradieético)”. Portanto, os modos de enquadramento dos PDV podem direcionar argumentativamente o discurso.

A empatia na gestão de pontos de vista abre o estudo para a consideração das visadas patêmicas e, mais especificamente, no nosso caso, das tópicas. Por isso, na análise das emoções, recorreremos à categorização das tópicas, tratadas assim, segundo Charaudeau (2010, p. 48):

Proporei quatro grandes tópicas, cada um duplamente polarizado (em afeto, negativo ou positivo, visto que a patemia não é somente o sofrimento), e os nomearei por meio de termos que não têm senão um valor emblemático: a tópica da “dor” e seu oposto, a “alegria”; a tópica da “angústia” e seu oposto, a “esperança”; a tópica da “antipatia” e o seu oposto, a “simpatia”; a tópica da “repulsa” e seu oposto, a “atração” (CHARAUDEAU, 2010, p. 48).

Também existem as figuras patêmicas mais específicas, subsumidas às tópicas, como benevolência e compaixão, atreladas à tópica mais ampla da simpatia (CHARAUDEAU, 2010).

Essas visadas patêmicas, bem como os valores associados, dos enunciadores em dialogismo, são de nossa preocupação de pesquisa porque dizem algo da identidade sociodiscursiva das comunidades languageiras que debatem ciência no YouTube. Por essa razão, aliás, cabem algumas considerações teórico-nocionais sobre o dispositivo YouTube.

Baur (2021), examinando webvídeos de DC francófonos do YouTube, encontrou, por exemplo, a categoria *débunkage*: um subgênero da DC o qual se presta a desacreditar, quebrar mitos, concepções de saber enganosas (BAUR, 2021), o que se compatibiliza com o heterodialogismo em confrontação⁶ – que visa a reformular os supostos ditos do outro.

Articular os *ethé* e *pathé* com as condições do ecossistema de DC do YouTube requer que levantemos essas circunstâncias sociais e comunicacionais que passam a ser contratualizadas no dispositivo YouTube, criando comunidades (formas de sociabilidade) de

⁶ Os discursos metarreflexivos de confrontação que caracterizam o nosso *corpus* discursivos assemelham-se aos analisados por Rabatel (2016b), os textos jornalísticos *Desintox*, que buscam descortinar argumentações políticas tidas como de má-fé, estabelecendo um novo acordo deontológico – recuperar o correto – com o adversário.

debate sobre ciência nesse espaço, ressoando modelos/imaginários de comunicação da ciência.

Como a pesquisa está em andamento, utilizaremos a categorização já consagrada na literatura (LEWENSTEIN, 2003) no tocante aos modelos de comunicação pública da ciência – que são entendidos como imaginários sociodiscursivos sobre ciência, sendo eles: o modelo do déficit, o modelo contextual, o modelo de experiência leiga e o modelo de participação pública, que são representações sobre comunicação científica que ressoam paradigmas da sociedade. Entendemos que os modelos pertencem – assim como os *ethé* e as tópicas – ao lugar das representações, em contraste com o lugar dos modos de organização do discurso, seguindo teorização de Emediato (2020).

A DC no YouTube tem trazido novidades quanto ao modo de comunicação científica. Por exemplo, a partir dos achados de Baur (2021) e de Reale (2018), a horizontalização das competências – todos como partícipes da produção de conteúdos – resulta no hábito de os youtubers validarem uma informação só depois de já publicada, de maneira que legitimação e sanções são viabilizadas nas parcerias posteriores entre produzíveis. O estudo de Baur (2021), com foco no *vulgarizador amador*, analisa os traços do sujeito que busca competências técnica e científica por conta própria.

Nesse contexto, surge também o “*ethos e-penser*”, o divulgador como perito de ciência, nos seus webvídeos, mas que não se projeta como especialista todo-poderoso de quem se deve cobrar certezas definitivas (BAUR, 2021). Também encontramos, na DC do YouTube, a tônica na linguagem informal e no humor (com foco na ironia e no sarcasmo) (BAUR, 2021), inclusive como recurso para subverter a imagem de severidade da ciência (FLORES; MEDEIROS, 2018).

A conexão entre o dialogismo intradiscursivo e essas circunstâncias *externas* – do dispositivo YouTube, englobando saberes de crença da dimensão externa os quais são indiciados nas figurações da encenação enunciativa –, são previstas na Semiologia⁷ Ampliada (EMEDIATO, 2020). Nessa perspectiva, a tarefa de descrever o funcionamento enunciativo e enuncivo de um *corpus* e, variavelmente, de outros Modos de Organização do Discurso, engloba a filosofia da ação (propriedades pragmáticas) e a orientação argumentativa

⁷ Em referência (e em continuidade) à Teoria Semiológica do Discurso, de Charaudeau (2009).

dos enunciados para servir como base para a interpretação do valor representacional do discurso (o lugar dos valores) e, mais ainda, para o entendimento de como é o projeto de fala do sujeito comunicante, performador de gêneros e contratos (EMEDIATO, 2022; 2020).

3. METODOLOGIA

O objeto a ser analisado aqui é o vídeointitulado *Live 20/03 – O que o Brasil precisa fazer nos próximos dias #FiqueEmCasa*, do canal Atila Iamarino, no YouTube, postado nesta plataforma no dia 20 de março de 2020, no começo da pandemia de covid-19 no Brasil. Nessa *live*, o youtuber Atila exige ações contundentes do Estado em favor da *supressão*. Para esclarecer: a *supressão* corresponde a medidas mais radicais de distanciamento e isolamento (WERNECK; CARVALHO, 2020). Neste trabalho, ela é identificada como PDV1, no dialogismo intradiscursivo, coincidindo com o ponto de vista do locutor principal do vídeo, Iamarino. Assim, o vídeo equaciona dois PDV antagônicos: o PDV1, que defende a gravidade do problema e recomenda medidas rigorosas de contenção, e o PDV2, contrário ou reticente a isto. Esse PDV2 combina-se com a estratégia político-sanitária de mitigação, que envolve paulatina redução de atividades que supõem aglomeração (WERNECK; CARVALHO, 2020). Analisaremos, aqui, trechos em que os dois PDV antagônicos são encenados enunciativamente.

Os critérios de seleção do *corpus* envolvem a visibilidade e relevância do canal para a vlogosfera científica. Contemplamos Atila Iamarino devido a: seu grande alcance de audiência (mais de um 1 milhão e meio de seguidores, e com grande projeção no ano de 2020); o seu *status* como referência na temática covid-19⁸; à grande visibilidade da polêmica que envolveu este vídeo⁹ e ao seu caráter precursor na comunicação científica sobre temas afins¹⁰.

⁸ Ele se tornou porta-voz sobre o andamento da pandemia, chegando a ser convidado para atividades junto à Folha de São Paulo, à Organização Mundial da Saúde (OMS) e ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE) (NEY, 2021).

⁹ Junto à sua projeção midiática, Atila também se viu envolvido em uma polêmica pública, o que o levou a esclarecer sua posição em momentos posteriores a esta *live* (ALCÂNTARA et al., 2021).

¹⁰ Atila atua com DC desde 2007, concentrando-se inicialmente em um condomínio de *blogs* atrelado à UNICAMP (NEY, 2021). Em 2013, ajuda a fundar o canal do YouTube intitulado *Nerdologia*, que se tornou uma referência para a DC (REALE, 2018). Esse canal pertence também ao Science Vlogs Brasil, um selo de

A *live* (CANAL, 2020) é dividida em blocos, nesta ordem: (1) *Curas demoram*; (2) *Europa*; (3) *EUA e UK*; (4) *Brasil*; (5) *Previsão*; (6) *Próximos passos* e, por fim, (7) *Recados finais*. Em favor de uma maior exequibilidade da análise, contemplamos somente as ocorrências de atitudes enunciativas recorrentes no vídeo e pertencentes aos blocos 1, 2 e 4.

O vídeo foi transcrito conforme as convenções de Pretti (1999) e Jefferson (1984), contemplando aspectos de entonação da fala de Atila. Essa transcrição contém marcações como informações sobre o tipo de olhar que o youtuber lança para a câmera e a informação de tempo (em minutos e segundos) em que determinado conteúdo análogo a um parágrafo começa e termina. As indicações de tempo são, também, uma sinalização para cotejo entre as informações examinadas e a sequência em vídeo (da postagem).

Na seção 4, não comentaremos o vídeo como um todo, mas alguns dos conteúdos que são representativos. Os trechos do vídeo aqui mostrados, na verdade, são os que exemplificam com clareza as duas principais atitudes enunciativas observadas no *corpus* transcrito: (i) os afastamentos de L1/E1 em relação ao(s) enunciador(es)/PDV antiorientados (categoria *Tensão com o adversário*) e as aproximações em relação a esse enunciador (categoria *Concessão ao adversário*). Essas categorias foram obtidas de uma abordagem indutiva de abstração – conforme postulados de Charaudeau (2009, p. 17-18) sobre “Método” –, pois expressam recorrências das significações particulares (os modos de imputação, por exemplo): são, enfim, *agrupamentos* desses materiais significantes particulares, por analogia-homologia. Outro ponto é que cada um dos trechos é nomeado, na análise, como *Enunciado*, obedecendo a uma sequência numérica por critério de aparecimento: do Enunciado 1 ao Enunciado 6. Eles foram segmentados em linhas numeradas para facilitar a referência à fala original transcrita.

A seção *Análise dos dados* (seção 4), portanto, organiza-se nos dois eixos de análise supramencionados, reunindo os enunciados convergentes a cada um dos eixos. A categoria 1 (*Tensão*) contempla as ocorrências de fala que estabelecem um heterodialogismo conflituoso, com afastamento entre o locutor-enunciador principal, identificado com Atila, e o locutor-enunciador secundário (negacionista), gerido enunciativamente pelo principal. Já a categoria *Concessão* agrupa os modos enunciativos de aproximação com esse antifiador.

Por conseguinte, as etapas da análise qualitativa são:

qualidade para canais de ciência no YouTube. Com essa *expertise*, em 2019, cria um segundo canal, chamado *Atila Iamarino*.

- (1) Anotar o movimento argumentativo geral do vídeo, em conformidade com o aporte de Charaudeau (2009): asserções de partida (A1), de chegada (A2) e de passagem (A3).
- (2) Discretizar os PDV, usando os instrumentos do nível enunciativo explicitados na seção 2. Isso gerou a seguinte atribuição de enunciadores orquestrada pelo principal: L1/E1 é a codificação para a posição assumida por Atila Iamarino, locutor que faz imputações e também se responsabiliza – no sentido pleno do conceito – pelos enunciados orientados ao PDV1. Já o código I2/e2 (do PDV2) corresponde à instância tida como anteriorizada a E1. Ademais, temos a *presença* de espectadores em geral, os *persuadíveis*: e3. Em relação de consonância com o negacionista, localizamos também I3/e2 (estudos em favor da cloroquina) e I5/e2 (Itália). Entre os PDV alinhados a L1/E1, o que mais importa, neste trabalho, é o enunciador China (I2/e1), país considerado exemplar em sua gestão da pandemia, segundo L1/E1.
- (3) Caracterizar os enquadres semânticos e pragmáticos que os PDV estabelecem, em eixos de análise, tais como: *PEC deôntica* (uma PEC em que o divulgador diz que medidas de saúde todos deveriam tomar), ou o *PDV de negação polêmica*; para mencionar alguns exemplos. Para tanto, levamos em conta, para além do enunciador: a expressão particular da percepção (sua modalização, o valor ilocucionário) e o conteúdo temático desse PDV. É com essa leitura, buscando as constantes do *corpus*, que chegamos aos dois eixos contemplados neste artigo.
- (4) Com base na etapa anterior, anotamos os papéis relacionais dos PDV, dando relevo às posturas enunciativas, isto é, os modos como uma voz se subordina a outra, por exemplo.
- (5) Por fim, a tarefa foi caracterizar os imaginários (imagens de ciência, visadas patêmicas etc.), o que constitui a atividade de elucidação (CHARAUDEAU, 2009) na análise, segundo o entendimento de que os modos de acordo, desacordo e neutralidade sugerem visadas, sejam elas predominantes, recorrentes ou de sobreposição sobre a alteridade, o que forçosamente nos informa sobre o tipo de busca de adesão que o youtuber (o principal) imprime a seu discurso.

Esclarecidos os procedimentos metodológicos, passemos para a análise dos dados.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Os dois eixos macroestruturantes da análise (*Tensão* e *Concessão*, assim resumidamente identificados) são dois modos de heterodialogismo intratextual, que correspondem a regularidades englobantes que apareceram no *corpus*. Cada qual opera possíveis efeitos interpretantes, também observados nesta descrição e análise da construção dos pontos de vista.

4.1 TENSÃO E INDISPOSIÇÃO COM O ADVERSÁRIO

O segmento do vídeo que examinaremos a seguir pertence ao bloco *Brasil* (do tempo 23 min 20 s até 34 min 00 s), que visa a fornecer os dados que caracterizam o estado do Brasil na pandemia, cujo crescimento na quantidade de casos e mortes estava mais preocupante que o da Itália – país que já era um dos mais problemáticos, na época, quanto a isso.

É em meio a essa discussão pautada em estágio *atual*, isto é, de 2020 (as medidas de contenção não tão rigorosas e o gráfico de crescimento da doença no Brasil), e perspectivas futuras que o Enunciado 1 – chamaremos de #1 –, abaixo, se encontra.

Enunciado 1 (#1):

| | |
|----|---|
| | 30 min 46 s |
| 1 | Então o Brasil promete crescer numa taxa mais rápida que a da Itália. |
| 2 | Isso quer dizer que a gente pode esperar aqui no Brasil (.) <nos próximos dias, nos |
| 3 | próximos meses, um cenário (.)> como o da Itália. (.) Ou pior. (.) ((olhos mais atentos)) |
| 4 | Pra vários centros. |
| 5 | Não fiquem (.) na cabeça de vocês (.) com (.) a linha do tempo da China, com o surto |
| 6 | começa, três meses depois quase não tem mais casos acontecendo, e a coisa terminou. |
| 7 | Assim como (.) parar o país um pouco depois - um POUCO depois - foi o suficiente |
| 8 | pra Itália ter mais mortes e agora cada vez mais mortes, parar o país um pouco depois |
| 9 | vai fazer com que a Itália só possa <u>↑sair da quarentena</u> (.) <alguns meses depois>. |
| 10 | (.) Se a gente não parou o país agora, a tendência é que a gente não <saia desse surto dentro |
| 11 | dos próximos meses>. Três meses é uma linha do tempo <irreal> pra gente esperar que |
| 12 | aconteça aqui, porque a >gente não tá adotando as medidas da China agora<. Mas pra [...] |

Atila sustenta que a linha de tempo do surto no Brasil será longa, parecida com a da Itália, e não como a da China. Como a China teve precedência e maior visibilidade quanto ao

comportamento do surto, as pessoas tenderam a pensar que o período pelo qual ela passou é *o natural para qualquer país*, conteúdo este a ser refutado por L1/E1 nesse Enunciado.

Considerando a referência China, o locutor-enunciador Atila (L1/E1), no Enunciado 1 (#1), recupera essa (possível) percepção de l2/e2, segundo a qual o tempo da China para resolução do surto aplica-se para a Itália e também para o Brasil. Mas essa concepção não é verdadeira, pois, como Atila explica no bloco *Europa*, a Itália¹¹ está em crescimento muito acentuado de casos e de óbitos, mesmo após suas medidas de contenção, algo que não aconteceu com a China, país em que o surto foi mais controlado pelas autoridades desde o início.

Em termos de dispositivos de Responsabilidade Enunciativa, a negação polêmica no segmento 5 do #1 é a *priseen charge* (do L1/E1, Atila) de que a linha do tempo do Brasil será maior. E, ao mesmo tempo, no que se refere à imputação, também ali presente, atribui-se a l2/e2 o PDV de que o tempo de três meses é o mesmo para todos os países (um PDV imputado).

Com o aporte de Ducrot (1981 apud CABRAL, 2016), o enunciado no segmento 5 caracteriza-se como negação polêmica, pois é um ato de negação em que se refuta um enunciado positivo (o pensamento de l2/e2), o caráter polêmico devendo-se ao fato de a negação referir-se a uma afirmação antitética, e havendo uma modalidade de julgamento por parte de L1/E1. Portanto, não há só modalização objetiva (que retifica o PDV2). A conceituação de Ducrot (1981 apud CABRAL, 2016) sobre negação polêmica nos leva a enxergar nessa atitude de veridicção de L1/E1 também uma *avaliação* sobre o conteúdo imputado. Com esse sentido de apreciação, por parte de L1/E1, temos que ele enquadra l2/e2 na *identidade* de errante (“não fiquem”), que supõe um desacordo total entre as instâncias, uma discordância discordante.

Além da modalização objetiva e de uma parcela de modalização subjetiva (o julgamento) por parte de L1/E1, esse PDV de negação tem um componente ilocucionário de confrontocom o locutor-enunciador 2, por causa do verbo no imperativo, no segmento 5, e da grande carga de conteúdo implícito que se ativa nessa negação, que avalia e sanciona l2/e2.

¹¹ No vídeo, a Itália é retratada como mau exemplo, por causa da demora em tomar medidas de contenção.

Dessa modalização interlocutiva-ilocucionária, tiramos consequências. Essa negação, então, é um ato ilocucionário para obter do seu interlocutor novas conclusões (em substituição à percepção que consiste em *três meses para o período de surto*). Não se trata somente de L1/E1 recusar o pensamento dos três meses, mas conduzir I2/e2 a novos parâmetros de percepção¹².

Das implicações do PDV de negação nesse jogo dialógico, estão implícitos outros conteúdos que adquirirão valor de alarme (para I2/e2), pois a negação gera a antecipação (ao invés da resolução rápida no próprio texto) de outros e novos sentidos/preenchimentos, consequências de *o período não ser três meses*. Um desses conteúdos implícitos é o que antecipa que o tempo será *maior* para o Brasil¹³. Outro subtema implícito importante é resgatado do encadeamento discursivo¹⁴: *se há maior linha do tempo para o Brasil, portanto provavelmente Atila/os cientistas vão dizer que precisamos tomar mais medidas de contenção*.

Atila parece reconhecer que esse encadeamento discursivo leva a inferências problemáticas para I2/e2, pelo fato de colocar pausas de cautela no PDV de negação (fala mais pausada no segmento informacional 5), atenuando o impacto desse conteúdo que retifica I2/e2.

Dado o exposto, emergem, desta confrontação, emoções heteroatribuídas, pois ela toca na angústia do I2/e2 (querer que o problema não seja grave, acreditar em três meses), que vai se confrontando com um novo sensível, uma nova preocupação. Fazer essas heteroatribuições significa L1/E1 reformular os estados de espírito de I2/e2, a favor da argumentatividade. Tudo isso convoca o *pathos*, pois trata-se de fazer I2/e2 cogitar: *o que é que me resta?*

À serviço desse *impacto*, no #1, atua a PEC da verdade (DESCLÉS, 2009), pois L1/E1 se engaja em relação ao PDV, implica a si e ao enunciador segundo, encenando um confronto e um PDV acional. Mas, para contrabalançar essa verdade, digamos, impositiva, L1/E1 incorpora a emoção da complacência, de alguém *obrigado a abordar esse subtema* (do

¹² Até porque L1/E1 não dá oferece de imediato um conteúdo que substitua a tese dos três meses.

¹³ É claro que, mais adiante, L1/E1 deixa explícito que o tempo para o Brasil será maior (segmentos 11 e 12). A questão é que a negação funciona primeiramente como uma desacomodação que orienta para essas inferências.

¹⁴ Estamos entendendo, aqui, o encadeamento discursivo segundo a concepção *standard* na teoria de Ducrot (ANSCOMBRE; DUCROT, 1983). O encadeamento discursivo consiste em uma palavra adquirir sentido apenas a partir das conclusões que dela são tiradas. Aplicando isto à nossa análise, *se os brasileiros não terão pouco* (na superfície textual: não terão três meses), *logo terão muito* (mais do que três meses).

período de surto), devido às pausas de atenuação, à justificação a partir do segmento 7 e ao simples desdobrar-se na negação, como se precisasse tomar cuidado com o que o negacionista sente.

No final do #1, há uma outra PEC da verdade dentro de outro tipo de negação: a palavra “irreal”. L1/E1 assume que o período de três meses (que é a crença de l2/e2, imputada) é algo irreal. O enunciado, mais precisamente, é aquele iniciado por “três meses”, no segmento 11.

“Linha do tempo irreal” é uma anáfora caracterizada pelo encontro tenso com l2/e2. Recategoriza-se o objeto de discurso “linha do tempo”, o que torna “linha do tempo irreal” uma modalização objetiva que reelabora o *dictum*, pois “i” é a novidade ilocucionária. Com o “i” tendo valor ilocucionário de julgamento epistêmico em favor do PDV1 e contra o PDV negado, então, a atitude de L1/E1 é uma PEC da verdade, em favor da discordância discordante.

Outras evidências da PEC da verdade são: o *marcador de entonação* (EMEDIATO, 2022), que revela que o sujeito, pela entonação de ênfase, busca *asseverar* uma verdade; e o apagamento enunciativo no termo “irreal”, condensando a posição de L1/E1 apenas no léxico.

A variedade de recursos linguageiros formando a *Tensão e indisposição* pode ser reunida sob o rótulo de *(re)apresentativos existenciais com efeitos de real*, inspirando-nos na abordagem de Rabatel (2016a, p. 190) a respeito do “valor concreto do apresentativo”. Como na caracterização do *é* de consenso (RABATEL, 2016a), os recursos do eixo 1 visam a garantir a realidade dos referentes em uma investida a retirá-los do olhar de contestação.

É o que se manifesta no segmento 10 do Enunciado 2 (#2, a seguir), com o emprego da designação “otimista”, uma PEC da verdade assumida por L1/E1, porque se trata de modalizar epistemicamente o referente *linha do tempo para fabricação de vacinas para covid-19*.

Enunciado 2 (#2):

| | |
|---|--|
| | 4 min 0 s |
| 1 | Então agora (.) mesmo se tiver <u>muitos países</u> tentando desenvolver a vacina, o que tende a |
| 2 | acontecer é que a gente tem mais CHANces de ter uma vacina que funciona, porque com |
| 3 | todo mundo testando, <u>alguém</u> (.) vai chegar em alguma coisa que funciona, o que é ótimo. |

| | |
|----|---|
| 4 | <Mas a linha do tempo de cada um desses trabalhos (.) vai ser a mesma>, porque todos |
| 5 | eles têm que passar pelo mesmo tipo de teste pra desenvolvimento de vacina. |
| | 04 min 25 s |
| 7 | Então essa semana teve uma reunião dos líderes mundiais com a OMS. Os chefes de [...] |
| 8 | peçoas o mais cedo possível. E o parecer de todos eles lá dentro foi (.) que a gente tem |
| 9 | pelo menos 1 ano, 1 ano e meio pela frente até ter vacinas disponíveis pras pessoas. Ok? |
| 10 | Essa é a linha do tempo (.) otimista (.) no melhor dos cenários pra >gente ter uma vacina |
| 11 | disponível<. E a questão é que 1 ano (.) é MUITO tempo, como a gente vai ver hoje. |

No caso do segmento 10 do #2, a ideia de que 1 ano para termos vacina é um exagero é o PDV imputado a I2/e2. O #2 mostra a produtividade da análise da negação polêmica com hetero-reformulação, possibilitando-nos reconstituir suas inferências e encadeamentos discursivos: L1/E1 sabe que provavelmente I2/e2 pensa que os cientistas não estão sendo transparentes, o que é revelador da empatia por L1/E1.

Examinemos agora ocorrências da categoria *Concessão*, para, depois, recapitularmos alguns esses movimentos enunciativos da análise com generalizações nos Resultados (seção 5).

4.2 CONCESSÃO AO ADVERSÁRIO

Os segmentos informacionais do Enunciado 3 (#3), a seguir, fazem parte do bloco *Curas demoram*, o primeiro da *live*, que tem como finalidade responder a um questionamento recorrente da época: é possível uma cura para a covid-19? Atila comenta as perspectivas de eficácia da polêmica hidroxicloroquina (doravante HCQ), por exemplo. Não obstante, o biólogo define, de antemão, o seu distanciamento em relação ao crédito que alguns conferiam à cloroquina, no tempo 02 min 43 s: “Até hoje, a gente não tem nem remédio nem vacina”.

Enunciado 3 (#3):

| | |
|---|---|
| | 07 min 18 s |
| 1 | E nessa semana que eu to gravando a live do dia 20 de março, a gente também teve testado |
| 2 | e resultados promissores de uma outra droga chamada hidroxicloroquina. |
| 3 | Cloroquina é um tipo de droga muito antiga que se usa contra a malária, por muito tempo. |
| 4 | E já tentaram usar ela contra a gripe, e não deu muito certo. A cloroquina e a hidroxicloroquina, |

| | |
|---|---|
| 5 | já tinham <u>relatos</u> na época da <u>SARS</u> de 2003, de que elas podiam ter funcionado contra o vírus. |
| 6 | E resgataram essa ideia agora, testaram em pessoas. E essa semana um laboratório francês |
| 7 | anunciou resultados promissores de que eles tinham curado pessoas do coronavírus |
| 8 | com esses dois remédios, principalmente com a hidroxicloroquina que faz menos mal |
| 9 | pro corpo do que a cloroquina. |

Vemos o afastamento de L1/E1 em relação a “hidroxicloroquina”, ao utilizar um hiperônimo que delonga a denominação referente ao medicamento (linha 2), e ao atribuí-la a um antagonista, I3/e2¹⁵. A imputação também acontece no que tange a e3, em “e resgataram essa ideia agora” (segmento 6), imputado à população em geral.

Na abordagem rabateliana (2016a), o contexto de imputação pode receber movimentos de acordo, desacordo e neutralidade por parte do narrador que imputa. Focando na imputação do #3, temos uma *imputação informativa*, uma vez que, nesse Enunciado, predominantemente L1/E1 *prendem compte* a perspectiva de I3/e2, sem se engajar na verdade dessa informação.

Aplicando a conceituação de Rabatel (2016a), a partir da atitude de ser neutro frente a um PDV imputado distanciado, temos que essa imputação informativa possibilita ao Atila fazer, *depois*, acordo em coconstrução com I3/e2 ou dizer qual seu nível de acordo. No caso do #3, não há acordo total nem divergência explícita total, pois L1/E1 aceita uma proposta de I3/e2 (“resultados promissores”), um posicionamento de neutralidade estratégica.

São várias as marcas linguísticas da imputação informativa com posição de neutro, das linhas 1 a 7 – para além da vagueza em “uma outra droga chamada hidroxicloroquina”. Destacamos, aqui, o segmento 5, que contém a expressão “relatos” e o verbo de 3ª pessoa (“tinham”), indiciando discurso relatado. Tais marcas formam o ato enunciativo de levar em conta o PDV de I3/e2 (estudos), tolerando-o, sobretudo com a ajuda da marca axiológica “promissores”, de “resultados promissores”. Resulta disto uma *priseen compte* empática.

Rabatel (2016a) sinaliza para essa granularidade nos casos de neutralidade em relação a um PDV imputado; ora, pender para o consenso, ora para o desacordo. Sobre um PDV imputado distanciado, há um grau suplementar (acordo, desacordo, neutralidade) devido à constante negociação entre as instâncias subjetivas, em que o outro é integrado à esfera do *eu*

¹⁵ A instância I3/e2 constitui um locutor (locutor 3) porque *divulgou* estudos, sendo representada por “laboratório francês”. Quanto à dimensão de enunciativo, embora os conteúdos desse locutor não sejam exatamente anticientíficos, pré-científicos ou negacionistas (não sejam *exatamente* e2), os dados sob a dependência desse locutor vão ao encontro da perspectiva do sujeito negacionista (I2/e2), que defende a hidroxicloroquina.

por critérios que vão além da verdade. Ora, demos atenção, então, no #4, às vantagens ilocucionárias de L1/E1 negociar com o oponente, cuja veridicção é outra (e não só atenção à verdade). Como a fronteira entre a imputação informativa e argumentativa nem sempre é clara, a continuidade textual providencia de oferecer sinais de como L1/E1 não só *leva em conta*, mas *leva em sua conta* um PDV exterior (tirar vantagens dele) (RABATEL, 2016a). Senão vejamos:

A neutralidade pendendo para o desacordo e o desagrado manifesta-se, por exemplo, na construção “e resgataram essa ideia agora” (linha 6), pois, ao deixar indeterminado o agente de “resgataram” (não informando a instância de responsabilização), L1/E1 representa o PDV2 com certo desleixo. Temos, de fato, um PDV imputado objetivante, com apagamento enunciativo, mas o baixo apelo a esse PDV2 indica um apagamento enunciativo não completo.

Por outro lado, temos L1/E1 na cenografia de observador atento, por subordinar-se a I3/e2. Tal subordinação se comprova pelo fato de a perspectiva de I3/e2 ser sentida como *estranha*, pelas indeterminações e nomes genéricos entre os segmentos 4, 5 e 6, e também pelo uso de “resultados promissores” (segmentos 7 e 8). Portanto, L1/E1 é subenunciador do PDV2, empaticamente – como se desse algum crédito. Essa subenunciação evolui para coenunciação em “resultados promissores”, uma RE um tanto compartilhada (por I3/e2, I2/e2 e L1/E1).

Essa construção do PDV2 aponta para uma busca, de L1/E1, de parecer ponderado, aquele que examina as várias faces de uma questão, em prol do *ethos* de credibilidade¹⁶.

Nas locuções diretamente subsequentes ao Enunciado 3, L1/E1 posiciona-se em maior desacordo com I3/e2 sobre o mesmo subtema (como se vê no #4), revelando o que pensa sobre o estudo de I3/e2, mas a mobilidade empática ainda é evidente: do segmento 4 ao começo do 7.

Enunciado 4 (#4):

| |
|-------------|
| 08 min 04 s |
|-------------|

¹⁶ Assumimos a concepção de Charaudeau (2008) sobre o *ethos* de credibilidade, pois os exemplos aqui analisados indicam um *ethos* de sério – L1/E1 na sua capacidade de autocontrole, não expressando seu verdadeiro PDV de imediato, demonstrando capacidade técnica ao se concentrar no relato – e, também, um *ethos* de virtude, pela respeitabilidade em relação aos outros locutores-enunciadores.

| | |
|---|---|
| 1 | O problema é o seguinte. Esse estudo é <u>MUI</u> to preliminar. Ele é muito novo. Eles não |
| 2 | separaram os pacien/ Os pacientes e os médicos sabiam quem tava tomando o remédio. |
| 3 | Então tem o fator humano aí das pessoas esperarem que o remédio funcione. |
| 4 | [...] extrapolar isso pra todo mundo. <Então é promisso::r, proMEte ser interessante>, |
| 5 | <u>muitos</u> hospitais agora vão começar a fazer testes com isso, >assim como tem |
| 6 | hospitais testando medicamentos contra o <u>HIV</u> que parecem que funcionam contra o |
| 7 | coronavírus também<. Mas a gente <u>tem</u> que esperar esses <testes (<.>) pra ter |
| 8 | esperança> (<.>) de que a hidroxicloroquina pode fazer alguma diferença. |

Mostramos, a seguir (Enunciado 5), um dos casos do *corpus* em que *apriseen charge* de L1/E1, embora tenha grande valor veridictório, é enfraquecida em favor da polidez.

Enunciado 5 (#5):

| | |
|---|--|
| | 3 min 5 s |
| 1 | Quando eu tava estudando o eBOla em 2014 pra ver o espalhamento dele, os americanos tavam |
| 2 | muito preocupados com o ebola se espalhando da África pra Europa e pros Estados Unidos. |
| 3 | Também viam uma oportunidade de vender bastante doses de vacina, o que é um ótimo |
| 4 | incentivo pra desenvolver uma vacina logo, e fizeram a vacina é urgentemente a partir de 2014. |
| 5 | Isso já era estudado. Por causa do surto africano de 2014, eles coRRERam com a pesquisa disso |
| 6 | e::: essa vacina foi entrar em <testes> em 2016. E ela foi liberada para o público, pra poder |
| 7 | ser comprada e distribuída – não necessariamente pro público todo –, mas pra ser distribuída |
| 8 | mundialmente em 2019. |
| 9 | Então, a vacina de ebola, que até onde eu sei, é a vacina que correram mais <u>rápido</u> |
| 1 | pra desenvolver ela. Pode ((franzindo)) ter outras, >eu espero que deixem aí nos comentários |
| 0 | |
| 1 | se tiver<, mas essa que eu tenho notícia é a mais rápida. E ela levou cinco anos pra ir a |
| 1 | mercado, |
| 1 | certo? |
| 2 | |

No #5, especificamente nas linhas 12 e 13, apesar de L1/E1 ter bastante evidências de que a vacina de Ebola é a que foi mais rapidamente processada, ele incorpora o espírito da dúvida. O *dictum* que foi sustentado até então (até o começo da linha 10) em uma modalização objetiva com grau alto de assertividade perde esse valor epistêmico. É uma tentativa de L1/E1 mostrar-se não autoritário. Por mobilidade empática, a partir de “pode ter outras” (linha 11) L1/E1 antecipa-se à incredulidade, da instância empatizada, em relação à demora para as vacinas. É como se L1/E1 sub-repticiamente alimentasse a *esperança* do

L2/e2: a de que há algum precedente para vacinas rápidas, e, então, um sinal melhor de solução para a pandemia. Por outro lado, isso tem a ver com uma performance em conformidade com o ecossistema YouTube, que exige dos youtubers uma interatividade que aposte no engajamento.

Há outros casos de atenuação do poder epistêmico do PDV1 (favorecendo o antissujeito) no *corpus*. É interessante observar o que acontece, por exemplo, entre o tempo 1 h 54 s e 1 h 1 min 32 s (Enunciado 6), quando L1, já no final da *live*, recapitula os dois PDV antagônicos.

Enunciado 6 (#6):

| | |
|---|--|
| | 1 h 54 s |
| 1 | Então daqui pra frente, depois de ver o resultado desse estudo, e é por isso que to falando |
| 2 | com vocês aqui, eu encaro essa questão de duas formas. A gente tem dois caminhos aqui. |
| 3 | O terceiro, que era não fazer nada, (infelizmente) tá fora de questão. E todos os países tão |
| 4 | evitando ele. Mas a gente tem o cenário de mitigação, em que a vida muda um pouco, em que |
| 5 | a circulação continua restrita e as coisas não acontecem. E a gente tem (.) um milhão |
| 6 | de mortes. (.) Ou a gente tem o cenário de supressão completa, onde todo mundo fica em casa, |
| 7 | ninguém pode circular, e a gente evita um milhão de mortes. (.) Eu vou voltar o trecho todo [...]. |

Ao descrever resumidamente os PDV antiorientados (supressão e mitigação), eles são designados como “duas formas”, “dois caminhos” e “cenário”. Essa ocorrência denota uma atitude de neutralidade por parte de L1/E2. Destarte, a *priseen compte* e os desdobramentos ilocucionários e modais da neutralidade são acionados, preterindo a concepção verdadeiramente defendida por Atila¹⁷: a supressão. Contribui para esse enquadre a desinscrição enunciativa operada no “a gente”, no segmento 2, que desresponsabiliza L1, atualizando-o de modo a *abandonar o “seu” E1*. Por conseguinte, L1/E1 fica subordinado, nessa hierarquização, na cenografia da exposição apenas didática dos PDV, tornando-se um L1/e3, pois é como se ele pudesse vir a assertar um dos “caminhos”, com clareza, em outro momento no discurso.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

¹⁷ Uma exceção é o uso do termo “completa” (segmento 6), que pressupõe que o PDV2 é o da incompletude.

No eixo analítico 1, pululam enunciados que pressupõem o PDV imputado, mas o qual passa a ser alvo de reenquadramentos, por (re)apresentativos existenciais com efeitos de real, cingidos pelas posturas de sobre-enunciação e de discordância discordante por parte de L1/E1¹⁸. Existe, então, um contrato de indisposição para com l2/e2, uma *necessária* manutenção do afastamento entre L1/E1 e l2/e2, como requisito para o cumprimento da finalidade global na *live*. Portanto, a categoria 1 encena a representação da dificuldade e da demora para se chegar ao efetivo querer-dizer do divulgador, um primeiro indício já da mobilidade empática. Os garantidores do efeito de real, do eixo 1, como as negações, estão dentro de ritualizações, ou cenografias dos PDV, enquanto efeitos pragmáticos específicos das configurações dos enunciados de heterodialogização. Dentre esses efeitos: a *esperança ingênua* de l2/e2; a atmosfera de desacomodação e preparação dele para uma *nova angústia* e os rituais de atenuação (benevolência) etc., casos dos Enunciados 1 e 2.

A segunda categoria é aquela em que a gestão dos PDV se orienta para a concessão aos PDV de l2/e2, havendo, ao contrário da categoria 1, a diminuição das distâncias entre os enunciadore antiorientados. Com efeito, essa categoria oferece exemplos da estratégia argumentativa do *ethos ad hominem* (MEYER, 2008), um *ethos* que fortuitamente esconde o fim dos questionamentos, pois não se dedica a fechar a questão problematizada no vídeo.

Instrumentos desse eixo são o apagamento enunciativo (no Enunciado 6, por exemplo) e o discurso relatado (Enunciado 3), favoravelmente à *priseen compte* empática, resultando em L1/E1 projetar o *ethos* de ponderado. Desta feita, o reconhecimento do Outro aparece, às vezes, como visada informativa, mas, em outras, é uma abertura à coconstrução, com L1/E1 em coenunciação. Este segundo encaminhamento é uma interação entre os continentes do Eu e do Outro na qual L1/E1 é *reconduzido* a Si mesmo, refazendo o seu lugar, passível de suspeitar de suas verdades. Desta maneira, a mobilidade empática é mais evidenciada no eixo 2, na medida em que a subenunciação e a coenunciação dão crédito aos saberes e emoções do adversário.

Essas ocorrências de construção dos PDV têm a ver com as figuras de *ethos ad hominem* (MEYER, 2008) e de “*ethos d’E-penser*” (ADENOT, 2016 apud BAUR, 2021), do

¹⁸ Percebemos este fenômeno na análise de um vídeo do canal do Pirula (ZANDONAI, 2022), em que o youtuber Pirula (do Canal do Pirula) também objetiva confrontar os pontos de vista negacionistas sobre a covid-19.

sujeito que se mostra aberto e falível. Isso se dá porque o divulgador é influenciado pela instrução da horizontalidade que singulariza a DC no YouTube (BAUR, 2021; REALE, 2018).

Os modos de apreensão do Outro e os posicionamentos de RE, nos dois eixos, permitem-nos acessar a hierarquização dos enunciadores. E, constatando a empatia na hierarquização, verificamos os elementos do fazer-criar e do *pathos*, conforme sistematizamos a seguir.

O modelo contextual de ciência comparece na medida em que Atila demonstra levar em consideração os saberes prévios do destinatário. Isso é motivado pela busca dos youtubers científicos de se diferenciarem da cobertura de ciência da imprensa tradicional *online* (VELHO, 2019), considerada problemática pelos divulgadores que se pretendem confiáveis, pelo fato de aquela muitas vezes privilegiar o modelo do *déficit*, ao não contextualizar os fatos científicos¹⁹.

Em algumas ocorrências heterodialógicas, há também o incentivo ao modelo comunicacional da participação pública, pois a grande valorização dada ao discurso outro, por exemplo na modalização que simula a ignorância do divulgador e a abertura cética às Propostas possíveis advindas de I2/e2, implica a valorização do contraditório.

As configurações dos PDV fazem emergir estratégias de patemização, enquanto indícios de que L1/E1 elabora uma explicação compreensiva, avaliando as situações do oponente e, disto, heteroinferindo emoções. Pelo compartilhamento fusional de emoções com o Outro (JORLAND, 2004 apud RABATEL, 2013c), a empatia faz um jogo de paralelismos.

Quanto a isto, pelo eixo 1, constatamos visadas patêmicas de paciência e complacência autoatribuídas (pois por parte de L1/E1) nas atenuações das *imposições* (de que o período de surto será maior do que aquele que I2/e2 conjectura) (Enunciado 1). Então, nesse caso, empaticamente L1/E1 articula a tópica da simpatia, entendida como uma espécie de alívio do sofrimento (CHARAUDEAU, 2010) do antiadorador. Afinal, L1/E1 parece interpretar que I2/e2 vive em uma *esperança ingênua* – confiar em apenas três meses de surto. De fato, Charaudeau (2010) conecta a figura patêmica confiança a essa tópica maior da esperança. Com isso, temos que L1/E1 empatica com um valor de base de I2/e2: seu desejo e

¹⁹ Na página 48 de sua Dissertação, Velho (2019) comenta com mais detalhes a questão da crise nos editoriais de ciência na imprensa *online*, afetando a qualidade da informação nos jornais.

esperança de que a pandemia não seja tão grave. Entendemos que benevolência e complacência estão aí embutidas, como figuras relacionadas à simpatia.

Focalizando o Enunciado 3 (que faz o “otimista” substituir o *pessimista*), tivemos heteroatribuição de descrença à ciência, com L1/E1 antecipando-se a l2/e2. Essa descrença de l2/e2 conecta-se à tópica da antipatia, porque l2/e2 é representado como vivenciando a indignação frente à ciência. Neste raciocínio, l2/e2 estaria se vendo como vítima do mal (o mal é a ciência), o que resulta no quadro de perseguidor (ciência) e do perseguido (a população), adotando-se aqui a noção de antipatia de Charaudeau (2010). O componente atenuação, aliás (de que falamos no começo do parágrafo anterior), talvez se dê também pelo reconhecimento que L1/E1 faz da antipatia endereçada à ciência. Concluindo, neste jogo entre a instância empatizadora (que reconhece a antipatia, no #3, e a esperança, nos #1 e #2) e empatizada, adicionamos a orientação argumentativa: L1/E1 reforça a ideia de que a ciência é competente, porque é, por um lado, assertiva/solucionadora²⁰, e, por outro lado, é predecessora e benévola, ao se antecipar a argumentos contrários, sendo inclusive empática.

Do eixo 2 (Concessão), L1/E1 se autoatribui, no Enunciado 3, a resignação, ao conferir plausibilidade ao PDV oponente, confiante na HCQ. Podemos entender isso também sob a tópica da simpatia, ao fazer l2/e2 ser minimamente ouvido quanto às suas reivindicações pela HCQ. Outra tópica é a esperança, especificamente na ocorrência referente a possibilidades de vacina para antes de 1 ano (Enunciado 5). Isso porque L1/E1 alimenta a espera por uma melhora do destino, crença de l2/e2. Trata-se do reconhecimento que L1/E1 faz do medo que muitas pessoas têm, tendendo a negar o que é grave. A paciência/resignação, para atenuar o medo de l2/e2, também se realiza no Enunciado 6, quando o narrador do vídeo *esconde* a sua preferência pela supressão, encenando a *priseen compte* das opções para não se mostrar autoritário para o espectador. Trata-se, também, de uma investida para angariar um *ethos* de credibilidade.

A partir desses *pathé*, vemos que l2/e2 é a instância que se compatibiliza com o *deveria ser* (o mundo ideal: *curas para já*, o tempo de surto que *deveria ser* menor etc.), ao passo que L1/E1 está associado aos modais *é* ou *pode ser*, ao como as coisas realmente são (o real funcionamento da ciência). O *é* ou *pode ser*, de L1/E1, é uma resistência ao *deveria ser*,

²⁰ Fechar a questão, ser assertiva, posicionar-se assertivamente, ao dizer que um objeto de discurso é *irreal*, ao invés de *real*, por usar verbos assertivos e operadores argumentativos com efeito de objetividade etc.

este último como discurso ansioso pela mentira. Assim, a discussão polêmica, conforme se projeta no dialogismo intradiscursivo, não pode ser concebida simplesmente como oposição entre crenças (estando ligadas a I2/e2) e conhecimentos (L1/E1), como se a ciência estivesse destituída de crenças e emoções, pois estão em jogo certos valores *humanistas* e do cuidado.

Sobre os *ethé* do youtuber científico, Flores e Medeiros (2018) apontaram as estratégias de youtubers brasileiros para se aproximarem do público-alvo e para subverterem a imagem comum de severidade da ciência, uma memória discursiva do campo científico. O humor e os elementos da cultura *pop* permitem subverter essa imagem negativa, segundo esta investigação (FLORES; MEDEIROS, 2018). Mas, aqui, adicionamos a essa caracterização outro fator para essa desconstrução: o movimento de concessão empática (eixo 2). Nessa perspectiva, apostar em cenas enunciativas colaborativas, que conferem força ao PDV oponente, contribui para o *ethos* de ciência empática, singularizando essa atividade videográfica, um *ethos* para desconstrução da desconfiança ou temor da população em relação à ciência.

Esse funcionamento ratifica que a gestão dos PDV constrói identidades para os enunciadores do dialogismo interno. Temos, por exemplo: L1/E1 como alguém que é *cobrado* e que, então, *precisa* fazer réplica, e representando a ciência como tendo perdido confiança. Também verificamos, pelos *interstícios* da organização dos PDV, um I2/e2 *obstinado* e *forte*.

A empatia, curiosamente, acontece apesar da gravidade da questão problematizada, que exigia orientações claras e contundentes para a população, o que demonstra, então, o desafio do divulgador científico no seu ato de arquitetar a concórdia em meio ao conflito argumentativo.

6. CONCLUSÕES

Neste trabalho, objetivamos mostrar diferentes comportamentos enunciativos de que o youtuber científico (CANAL, 2020) lança mão para se determinar em relação ao ponto de vista contrário ao seu, configurando sua *priseen charge* e as posturas enunciativas conforme um certo projeto de fazer-criar. Demonstramos, assim, os cálculos estratégicos – como possíveis interpretativos – por parte de L1/E1, indiciados pelos efeitos da heterodialogização.

Pelo viés da categoria 1, as diversas marcas da *presença* de I2/e2, a sua *intromissão*, denotam a preocupação de L1/E1 em refutar as asserções de I2/e2. Na verdade, em ambos os eixos, a gestão dos PDV constrói identidades, como a do sujeito *obstinado* e *estranho* (I2/e2), que leva a uma cenografia da cautela, por L1/E1. O fato de a ciência não gozar de integral legitimidade (que é a identidade de L1/E1, pela encenação) faz com que o eixo 2 entre em cena, para compensar essa tensão marcada na impessoalização e autoridade do eixo 1 do *corpus*.

Essas ritualizações (atenuação, simpatia, assertividade etc.), que projetam o posicionamento de L1/E1 como determinando-se em relação ao adversário, ajudam a realizar contratos de comunicação científica do YouTube, como a diretriz de que os youtubers atuam como *cronistas* e *opinadores*, prolongando a polêmica (vide os Enunciados 1 e 2). Também, a atenuação (Enunciado 1) e as concessões no eixo 2 são indiciadoras da horizontalidade e do sentimentalismo de convivência (BAUR, 2021). Chama atenção que até mesmo o eixo 1 (mais polêmico) guarda marcas de cautela, com o efeito de mitigar o conflito com I2/e2, dado o reconhecimento da força do negacionista. Por isso, no eixo 2, a PEC da plausibilidade aparece, para o divulgador manter o pacto com o auditório e desconstruir a aversão quanto à ciência.

Em complemento, de maneira a constituir essa identidade positiva do youtuber, a configuração dos PDV no dialogismo favorece a representação dos *pathé* dos enunciadorees. Nessa análise do patêmico, observamos sintomas do embate no interdiscurso: uma estase de distância acentuada, no que se refere tanto às premissas da razão argumentativa quanto ao plano das emoções (saberes de crença). Disto, concluímos que a mobilidade empática no dialogismo interno é a busca, de L1/E1, por buscar *ocomum*, *o compartilhado*.

Operacionalizando efeitos patêmicos os mais variados nessa *live*, a empatia ajuda a contestar a visão de ciência fechada, mas também a visão compartilhada por vários órgãos de informação, na época da polêmica sobre o 1 milhão de mortes, de que Atila estava sendo alarmista²¹. Mas, na verdade, Atila preocupou-se em *ponderar* sobre sua tese, por mobilizar *variadas* posições sobre o tema (como I3/e2), e por tentar *tranquilizar* o alocutário.

²¹ O Jornal da Cidade (REDAÇÃO, 2020) atribuiu a Atila Iamarino a responsabilidade pelo “terrorismo do fique em casa”. É como se Atila tivesse privilegiado apenas os dados que sustentam a supressão, e de maneira autoritária.

Entre as contribuições deste estudo, temos o reforço aos elementos da abordagem enunciativo-interacional dos PDV (RABATEL, 2016a), como a gradualidade que o dissenso possibilita nos discursos conflitivos e a aplicação da noção de empatia com consequências para a caracterização da sociabilidade científica no YouTube. No entanto, novas pesquisas precisam ser feitas para obtermos uma amostra mais significativa dessas tensões, o que lançaria luz para outras propriedades da prática de comunicar ciência no YouTube. Também esperamos que a abordagem apresentada aqui estimule investigações que privilegiem os modos de apresentação de pontos de vista antagônicos que envolvam ciência e temas sensíveis (como ateísmo *vs.* religião, por exemplo) geridos por locutores-enunciadores pró e anti-ciência nas mídias digitais.

The coronavirus alert on YouTube: empathic mobility and *pathos* in dialogic management of conflicting points of view

ABSTRACT:

This paper aims to verify how the position of the science communicator Atila Iamarino, in his dialogical management of individual and third-party points of view (POV), leads to argumentative effects favorable to legitimation of science in a video published on YouTube. We take as our object the episode posted in March 2020 titled *Live 20/03 – What Brazil needs to do in the coming days #StayAtHome*. Based on Rabatel's theory (2016a), we analyze how the modalization of the configurations of *priseen charge* modulates and hierarchizes the *a priori* antiorientated POV. In this video, the youtuber (L1/E1) defends strict measures in response to the covid-19 pandemic, in contrariety to the POV reticent to these measures (I2/e2 position). After analyzing different behaviors of heterodialogism, we obtained, inductively, two great regularities: "Tension with the adversary" and "Concession to the adversary". From the *status* of the enunciators in the internal dialogism, we identified the mobilization of emotions (of oneself and of others) by L1/E1, which leads us to notions related to *pathos* and *ethos* of scientific communicability, for an explanatory procedure. The results reveal, in the two axes of analysis and in the interplay of different scenographies in which L1/E1 determinates himself in relation to the opponent (for example, the scenography of politeness), the L1/E1 empathizing with the I2/e2, with the pragmatic-discursive effect of mitigating the conflict. And in this constitution of the staged identity roles in the enunciation, which singularize the management as guided, for example, by the caution and collaboration, we see

evidence of the tone of the clash in interdiscourse and of emotional aims (*vises patémiques*) congruents to this.

KEYWORDS: Scientific popularization. Youtube. Commitment. Management of points of view. Empathy.

REFERÊNCIAS:

ALCÂNTARA, V. C. *et al.* Atila, o lançador de alertas: constituição da COVID-19 como problema público no Brasil. **HOLOS**, v. 1, e7830 p. 1-21, 2021.

ALRAHABI, M.; DESCLÉS, J.-P. Opérations de prise en charge énonciative: assertion, médiatif et modalités dans le discours rapporté direct, en arabe et en français. *In*: BOGACKI, K.; CHOLEWA, J.; ROZUMKO, A. **Methods of lexical analysis, theoretical assumptions and practical applications**. Białystok: Uniwersytet w Białymstoku, 2009. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-03199802/document>. Acesso em: 13 jan. 2022.

ANSCOMBRE, J.-C.; DUCROT, O. **L'argumentation dans la langue**. Bruxelles: Mardaga, 1983.

BAUR, M. La lutte contre la désinformation sur YouTube: étude d'une pratique de vulgarisation scientifique à travers le traitement du film *La révélation des pyramides* par des vidéastes vulgarisateurs. **Communication**, Québec, v. 38, n. 2, p. 1-21, 2021.

CABRAL, A. L. T. Negação, intersubjetividade e polifonia: estudo de caso em processos civis. **Letras de Hoje** (PUCRS), Porto Alegre, v. 51, n. 1, p. 55-64, 2016.

CANAL DO ATILA. **Live 20/03 - O que o Brasil precisa fazer nos próximos dias #FiqueEmCasa**. [S. I.]. 20 mar. 2020. 1 vídeo (1 hora 16 min 41 s). Publicado pelo canal Canal do Atila. Disponível em: [11nq.com/BJ4tw](https://www.youtube.com/watch?v=11nq.com/BJ4tw). Acesso em: 13 dez. 2022.

CHARAUDEAU, P. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. *In*: MENDES, E.; MACHADO, I. L. (Orgs.). **As emoções no discurso**. Campinas: Mercado das Letras, v. 2, p. 23-56, 2010.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso: modos de organização**. Coord. Trad. Angela M. S. Corrêa e Ida Lúcia Machado. São Paulo: Contexto, 2009.

_____. **Discurso político**. Trad. Fabiana Komesu e Dilson da Cruz. São Paulo: Contexto, 2008.

CORTEZ, S. L.; CATELÃO, E de M. Argumentação emocionada em uma carta e em uma postagem do Instagram. **RevistaEntrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. 12esp., p. 116-134, 2022.

DESCLÉS, J.-P. Prise en charge, engagement et désengagement. **Langue Française**, [S. I.], n. 162, p. 29-53, 2009/2. Disponível em: [11nq.com/dxzDy](https://www.linguapages.com/dxzDy). Acesso em: 11 dez. 2022.

EMEDIATO, W. **Análise do discurso numa perspectiva enunciativa e pragmática**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

_____. Problemáticas contemporâneas dos estudos do discurso: por uma análise integrada. *In*: EMEDIATO, W.; MACHADO, I. L.; LARA, G. M. P. (Orgs.). **Teorias do discurso**: novas práticas e formas discursivas. Campinas: Pontes Editora, 2020, p. 19-56.

FARIA, V. F. S. de. **Minha voz, tua voz, nossas vozes**: uma análise da responsabilidade enunciativa em artigos acadêmicos/científicos. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

FLORES, N. M.; MEDEIROS, P. M. de. Science on YouTube: Legitimation Strategies of Brazilian Science YouTubers. **Revue Française des Sciences de l'information et de la communication**, v. 15, p. 1, 2018.

IMPACTOS sociais, econômicos, culturais e políticos da pandemia. **FIOCRUZ** (Fundação Oswaldo Cruz), Rio de Janeiro, Comunicação e Informação – Páginas especiais. [2020?]. Disponível em: encr.pw/n9xZv. Acesso em: 17 dez. 2022.

JEFFERSON, G. Transcriptionnotation. *In*: ATKINSON, J. M.; HERITAGE, J. (orgs.) **Structures of Social Action**: Studies in Conversation Analysis. New York: Cambridge University Press, 1984. p. 9-16.

LEWENSTEIN, B. V. Models of public communication of science and technology. **Public Understanding of Science**, v. 16, p. 01-11, 2003. Disponível em: <https://ecommons.cornell.edu/handle/1813/58743>. Acesso em: 14 dez. 2023.

MEYER, M. **Principia Rhetorica**: une théorie générale de l'argumentation. Paris: PUF, 2008.

NEY, G. U. **Divulgação científica da covid-19**: estudo de caso do canal Atila Iamarino no YouTube. 2021. 195 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social: Jornalismo) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: encr.pw/ISjHG. Acesso em: 13 jan. 2023.

PINTO, R.; CORTEZ, S. L. Do *pathos* retórico à 'empatia rabateliã': argumentação emocionada em textos/discursos polêmicos. **Revista de Letras** (UFC), Fortaleza, v. 2, n. 36, p. 51-62, 2017. Disponível em: 11nq.com/ZTdl. Acesso em: 14 jan. 2023.

PRETTI, D. **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 1999.

RABATEL, A. Pour une reconception de l'argumentation à la lumière de la dimension argumentative des discours. **Argumentation et Analyse du Discours** (online), v. 20, 2018.

_____. **Homo narrans**: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, LuisPasseggi, João Gomes da Silva Neto. São Paulo: Cortez, 2016a. v. 1: Pontos de vista e lógica da narração, teoria e análise.

_____. Contribuições da análise dos discursos midiáticos: da interpretação dos dados à crítica das práticas discursivas e sociais. Tradução de Suzana Leite Cortez, Rosalice Pinto e Carla Teixeira. **Revista Investigações** (Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE), Recife, v. 29, n. 2, jul. 2016b.

_____. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. *In*: EMEDIATO, W. (org.). **A construção da opinião na mídia**. FALE/UFMG: Belo Horizonte, 2013a, p. 19-66.

_____. Positions, positionnements et postures de l'énonciateur. **Linha d'Água**, São Paulo, v. 26, n. 2, p. 159-183, 2013b. Disponível em: 11nq.com/0M0gL. Acesso em: 20 jan. 2023.

_____. Empathie et émotions argumentées en discours. *In*: RABATEL, A. **Le discours et la langue**. Cortil-Wodon: Editions modulaires européennes, 2013c, p. 159-178.

_____. Écrire les émotions en mode empathique. **Semen**, v.35, p. 65-82, 2013d.

_____. Prise en charge et imputation, ou la prise en charge à responsabilité limitée... **Langue Française**, 162. p. 71-87, 2009.

_____.; CHAUVIN-VILENO, A. La “question” de la responsabilité dans l'écriture de presse. **Semen**, n. 22, p. 5-24, 2006. Disponível em: 11nq.com/fVvML. Acesso em: 23 jan. 2023.

REALE, M. V. **O sabor do saber: divulgação científica em interação no YouTube**. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018.

REDAÇÃO. Atila Iamarino e o terrorismo do ‘fica em casa’. **Jornal da Cidade online**, Campo Grande, 07 mai. 2020. Disponível em: encr.pw/Uot8n. Acesso em: 16 jan. 2023.

VELHO, R. de A. **O papel dos vídeos de ciência na divulgação científica: o caso do projeto Science Vlogs Brasil**. 2019. 174 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Campinas, 2019.

WERNECK, G. L.; CARVALHO, M. S. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00068820, 2020.

ZANDONAI, M. F. A gestão de pontos de vista na atividade argumentativa de vídeos de comunicação científica do YouTube. *In*: MATTOS, E.; PASTORINI, V.; MURTA, M.; EMEDIATO, W.; OLIVEIRA, A. L. (Orgs.). **Percursos acadêmicos e debates interinstitucionais: pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da UFMG**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022, p. 244-260. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/percursos-academicos>. Acesso em: 16 jan. 2023.